

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros).	25000
NUMERO AVULSO.	1000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . .	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 12 de Setembro de 1895

N. 19

CIGARRAS

A CIGARRA

Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d'*A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalecidas as suas collecções.

Fasemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



Ainda para os devidos effeitos, declaramos, que assumiu a direcção d'esta folha o nosso collega José Barbosa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia litteraria e administrativa d'*A Cigarra*.



Em uma das paginas interiores d'*A Cigarra*, damos hoje o retrato de Virgilio Cestari, o notavel architecto e esculptor a quem deve Ouro Preto a bella estatua de Tiradentes que orna a praça principal d'essa cidade.





Sete de Setembro...

Posso afirmar a quem me lê que ainda não sou velho. Nem tantos annos passaram já sobre a minha cabeça, que eu possa, como um sacco cheio de moedas, ser um homem cheio de recordações. Ainda assim, quantas cousas morreram, de que me lembro, não direi com saudade, mas com amargura...

Com amargura, porque, ao relembral-as, sinto que já deixei alguma cousa perdida atrás de mim, alguma cousa que nunca mais encontrarei. Sete de Setembro é uma d'ellas. Quando nasci, dizia-se esta data com respeito, com veneração, com amor. Havia uma sociedade que se chamava, patrioticamente, *Commemoradora da Independencia Nacional*, e que festejava a data famosa com um grande luxo de bandeiras, um grande fulgor de luminarias e um grande estrondo de foguetes. Era no largo do Rocio. Hoje, creio eu, lá está installada uma sociedade carnavalesca: *c'est le triste retour des choses d'ici bas*.

Lembro-me bem de que, na alvorada d'este dia retumbante, um parque de artilharia, collocado no morro de Santo Antonio, fazia um grande barulho, annunciando ao mundo que a brava gente brasileira não se esquecia de que mais um anno passára sobre a sua condição de povo livre. No jardim do Rocio, armava-se um coreto em frente á estatua de Pedro I. E, até horas altas da noite, uma banda de musica alli ficava saudando o primeiro imperador.

Elle, muito duro, sobre o seu cavallo de bronze, não cessava de agitar a *carta constitucional* sobre as cabeças da multidão que enchia o jardim. Os jacarés, as onças e os caboclos que cercam a estatua olhavam espantadamente aquillo tudo, sem comprehender porque tanta gente fazia tanta festa áquelle cavalleiro duro.

A' medida que a noite avançava, o enthusiasmo crescia. Capadocios, de chapéo de palha e lencinho vermelho ao pescoço, vinham chegando, pitando pontas sarrentas de cigarros baratos. De repente, um assobio estridulo soava. Havia uma grita enorme: *São os nagôas! são os nagôas!*

Eram os Nagôas! gingando, chegava a malta celebre de capoeiras. D'ahi a pouco, outro assobio: *são os guayamús! são os guayamús!*

Eram os Guayamús! era a outra malta, inimiga figadal da primeira.

Os dois exercitos acampavam, olhando-se. Depois, a uma ordem simultanea dos dois chefes, abalavam, entrechocavam-se. A policia intervinha. Em menos de cinco minutos, o jardim ficava juncado de reflex, de cacetes, de chapéos. O sangue corria. Navalhas brilhavam, com relampagos rapidos. As senhoras, que das janellas das casas estavam contemplando o conflicto, julgavam necessario intervir, e, para augmentar a confusão da batalha, concorriam com uma farta mésse de ataques histericos. E d. Pedro I, muito duro sobre o seu cavallo de bronze, não cessava de agitar sobre a turba-multa conflagrada a *carta constitucional*.

Serenado o conflicto, a banda militar recomeçava a esfalfar os seus trombones e a arrebentar os seus bombos, e os vendedores de empadas e de sorvetes recomeçavam a circular... Porque tinha brigado aquella gente? Para se divertir. Ah! os senhores com certeza já não se lembram do esplendor que tinham outr'ora as festas da Independencia no largo do Rocio!

Tudo isso passou. Em primeiro logar, a alegria auriverde de 7 de Setembro já não tem razão de ser. Temos agora uma outra alegria mais nova, a de 15 de Novembro, tambem auriverde, mas accrescentada com uma bola azul, vinte e uma estrellas, uma faixa branca, e quinze letras verdes.

Em segundo logar, Pedro I está desmoralizado. Em vão continúa elle, alli plantado, muito duro sobre o seu cavallo bronzeo, a agitar a famosa carta de alforria. Já ninguem o toma ao serio. E até já houve quem quizesse, n'um assomo de anti-monarchismo feroz, arrancar d'alli a estatua: creio que só não levaram a effeito a jacobina ideia, pela grande dificuldade que ha em deslocar aquelle colosso de metal.

Depois, já não ha capoeiras. O coronel Sampaio Ferraz deu cabo d'elles, logo depois do advento da Republica, privando-nos assim da instituição que herdamos de nossos paes e não legaremos a nossos filhos.

E, por ultimo, o largo do Rocio tambem está desmoralizado. Mondaram-lhe o arvoredos, e destruíram-lhe as moitas verdes, provavelmente por causa das famas equivocadas, que corriam sobre a criminosa complacencia d'esses recessos, cheios de sombra e mysterio.

Por todas essas razões, já não ha festas de 7 de Setembro. O positivismo lançou mão da gloriosa data e deu-lhe uma serieidade de commemoração religiosa, que não se compadece muito com a irreverente alegria das commemorações populares. Não ha mais 7 de Setembro.

Na vespera, eu ainda nutri a esperanza de que a commemoração d'este anno teria uma novidade.

Tinham os jornaes dito que o Sr. Presidente da Republica no dia 7, passaria revista geral a todas as tropas da guarnição. Adiantaram mesmo o pormenor de que S. Ex. passaria por diante das tropas, em carruagem descoberta. Exultei. Pela primeira vez no Brasil, desde que o Brasil é Brasil, vamos ver um chefe de Estado, paisano como eu e como eu desapercebido de honras militares, passar revista aos exercitos da Republica. Que diabo! exultei, porque isso teria para mim a significação de uma victoria do elemento civil. Mas, ai de mim! O Sr. Presidente da Republica não quiz fazer o que faziam Carnot e Perier, e o que faz Felix Faure: o Sr. Presidente da Republica

deixou-se ficar no quartel general, de cujas janellas viu a desfilada das tropas, e quem a estas passou revista foi o Sr. marechal ministro da guerra.

Assim foi frustrada a minha esperanza. A commemoração de 7 de Setembro passou fria, fria, fria, sem uma nota nova, sem qualquer cousa que rompesse a vulgaridade das salvas de artilharia e dos embandeiramentos em arco.

* *

Assim passam as datas! *Brava gente brasileira* de que falla o hymno de Francisco Manoel! outra gente, igualmente brava e igualmente brasileira, veio tomar o teu logar na veneração dos povos!...

Fantasia.

VIRGILIO CESTARI



ESCULTOR ITALIANO

Autor da estatua de Tiradentes em Ouro Preto

CANCIONEIRO

III

O BERÇO

Entre violetas e rosas, pequenino e risonho, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, Dedê, de cinco mezes, dorme para todo o sempre. Veste-lhe o corpinho rechonchudo a mesma cambraietta com que foi á pia; á cabecinha loura a mesma touca branca. Parece que esperam que desperte, para leval-o novamente á egreja.

Baby, de tres annos, guarda o pequenino irmão. Sabe que dorme porque lh'o disseram. Para não acordal-o, pisa de manso, cautelosa, apertando nos braços Colombina. O sol faz um veuzinho translucido para o rosto risonho de Dedê. Os cirios empallidecem, e as flores vão murchando junto do corpo frio do defunto.

Batem palmas á porta. Baby estremece. Aperta mais Colombina, e lança um olhar ao irmão, receiosa de que tenha despertado. Mas Dedê não desperta: dorme, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, como rezando. Batem palmas de novo. Baby, pisando de mansinho, cautelosa, vai á porta e, coitadinha! não consegue abafar um grito, ao dar com os olhos no africano velho que traz debaixo do braço, como um estojo, o pequenino esquisite cor de rosa e branco, cercado de franjas de ouro. Baby

não consegue suffocar um grito: bate as palmas, contente, deixa cahir Colombina e entra a correr, annunciando: « Está ahí o berço novo de Dedê! Está ahí o berço novo de Dedê! »

E, com voz de choro, agarrando-se ás saias da avó tremula, que vai compondo ramos para o pequenino, implora: Mandas fazer um berço igual para mim, vósinha? Mandas fazer, vósinha? » E, para convencer-a, beija-lhe repetidas vezes a mão magra, e a velha, soluçando, beija-lhe os cabellos louros...

Ha dias, indo de visita á casa, encontrei-a silenciosa. Fóra no rosal, já não cantavam passaros; dentro, no interior, berços não se balançavam. Senti que alli faltava alguma cousa... não havia barulho. A mãe, viuva, de vez em vez, levantando a cabeça, punha os olhos no céu, e baixava-os molhados; a velha não fallava. Senti que alli faltava alguma cousa.

Por accaso, voltando os olhos, descobri Colombina sobre uma peanha. Pobre Colombina! Lembrei-me, então, de Baby, e perguntei por ella. A velhinha fitou-me. A mãe baixou os olhos, soluçando.

Teria a complacente avó satisfeito o pedido da creança? Teria a velha dado á Baby um berço cor de rosa e branco, igual ao de Dedê? E não foi outra cousa... essas velhas avós fazem tantas vontades aos netinhos!...



IV

A PARTILHA

Cantava: e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pallida. Soffria: mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a creança. O mais velho, tres annos, olhava-a sorridente e, de quando em quando, cantarolava: « Estou com fome, mamãe. Estou com fome... » E o pequenito, insomne, olhava-a, muito esperto, a boquinha collada ao peito. « Estou com fome, mamãe... » cantarolava o outro.

Ia alta a manhã: mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! Viuva, tísica, desfigurada pela molestia e pela fome, timida de mais para pedir esmolas,— que havia de fazer a desgraçada? « Estou com fome, mamãe... » cantarolava o mais velho.

— Espera! filho; espera!

Como o pequenito adormecesse, a mãe foi, pé ante pé, e deitou-o sobre um fofo colchão de pannos, a um canto da casa; e o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre: « Estou com fome, mamãe... »

— Não faças bulha, filho; espera! E, acenando-lhe, correu á cozinha: mas, que havia de fazer?

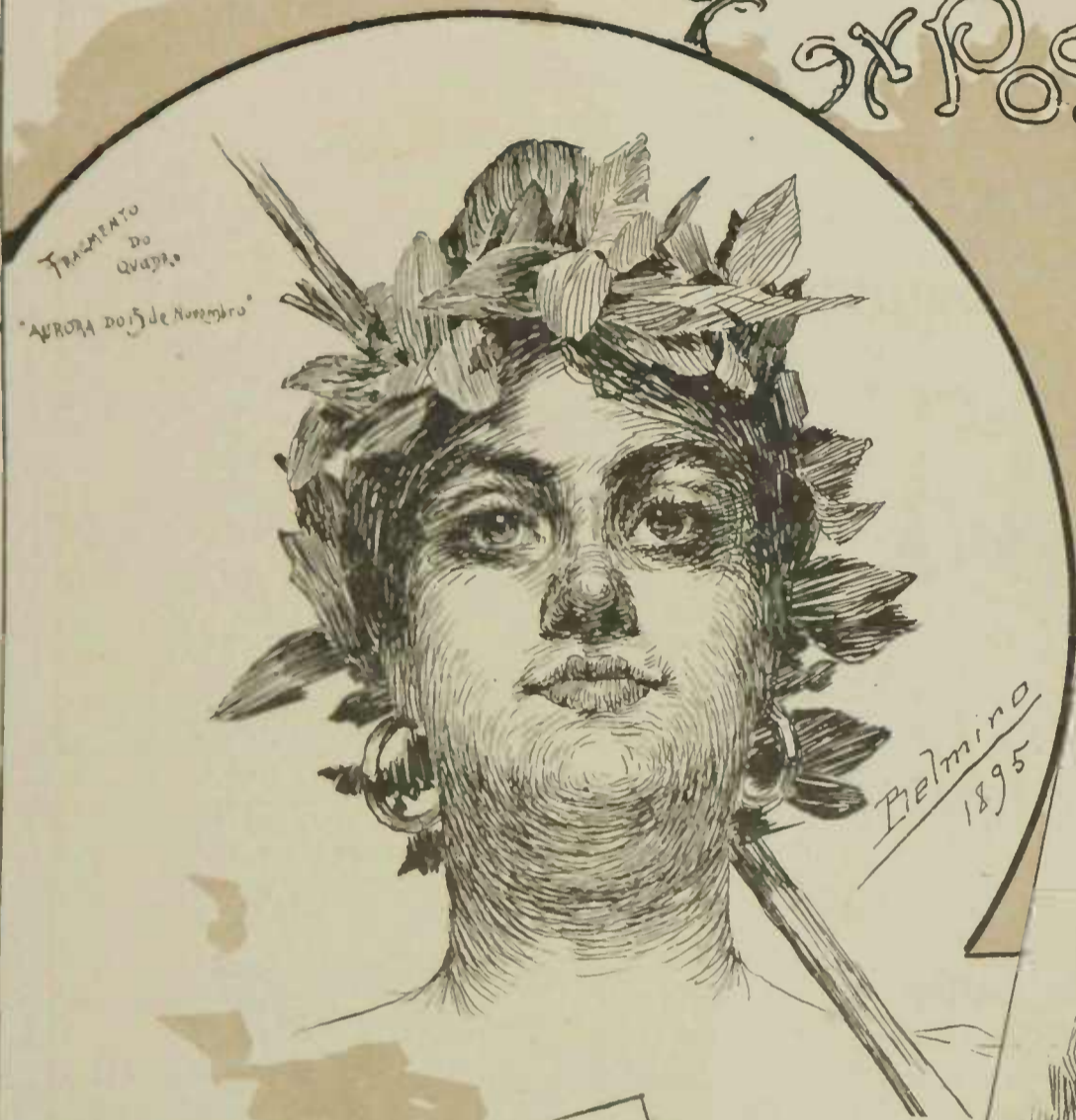
Ardia, no fogão, a derradeira acha: e a mãe, os olhos rasos de agua, poz-se a soprar a lenha para atear o lume, emquanto o filho, que se lhe agarrara ás saias, cantarolava: « Minha mãesinha! » contente com ver que a chaleirinha fumava. Mas, á mesa, quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespera, o pequeno fitou-a com espanto:

— Só café, mamãe?

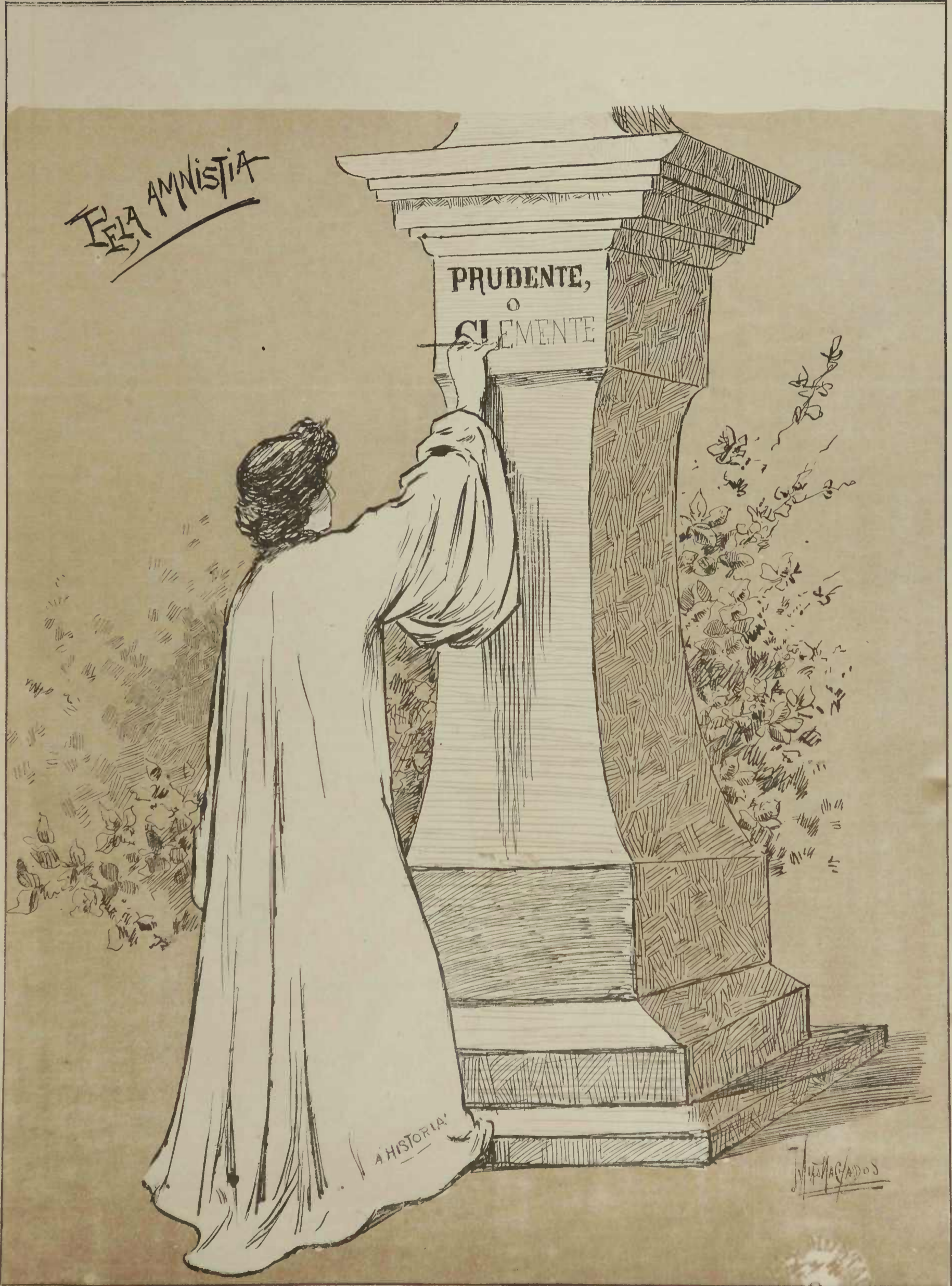
— Só, meu filho.

O pequeno, levando a colher á bocca, foi repellindo a tigella, com um beicinho, prestes a chorar.

Exposição de Bellas Artes



Os croquis que damos n'esta pagina são autographos dos seus signatarios que gentilmente obsequiaram a *Cigarra*, dando a este nnmero um inestimavel valor artistico.

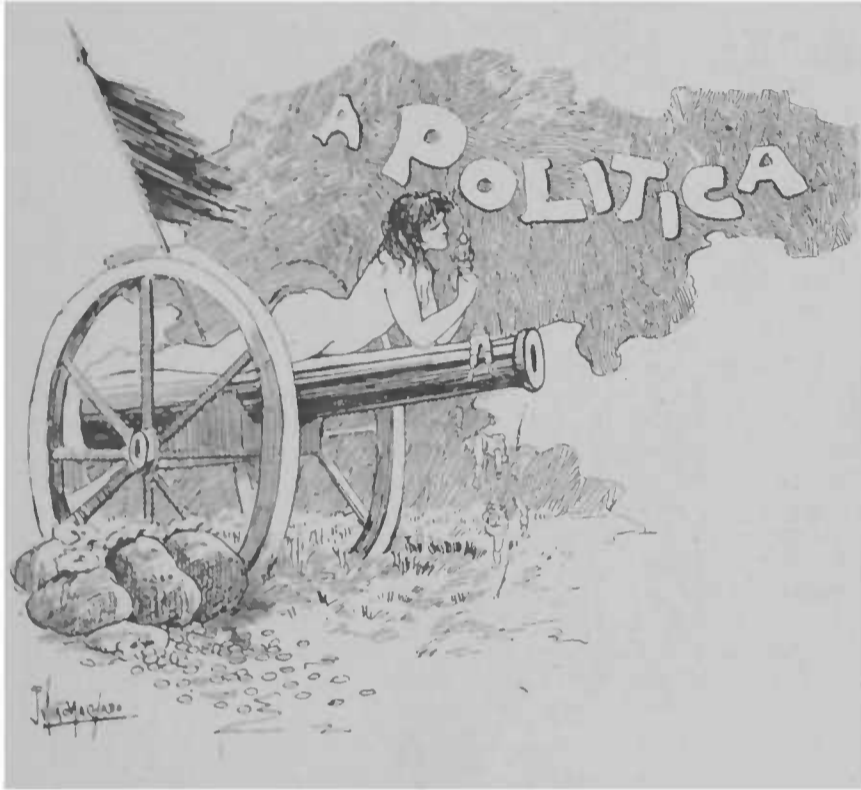


— Não chores! olha que vás acordar o maninho! Espera!
E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os labios descorados, por onde as lagrimas corriam fio a fio: e, entregando a tigellinha ao filho: — Toma! e não faças bulha! — E o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito: «Agora sim! Agora sim!» poz-se a cantarolar.

Baixinho então, ella lhe disse:

— E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.
E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

Coelho Netto.



E' preciso que eu registre aqui a grande ventura que coube à tribuna parlamentar brasileira, n'estes ultimos dias, vendo-se de novo occupada pelo Sr. senador Ruy Barbosa. Quando um paiz, no meio de todas as suas desgraças e de todas as suas loucuras, pôde ainda dizer com orgulho que tem um filho como este, que valem loucuras? que importam desgraças? — Ver e ouvir Ruy Barbosa, depois de tanto tempo de exilio iniquo, e verificar que o seu talento é o mesmo, como é o mesmo o seu patriotismo e o mesmo é o seu grande ideal de justiça e de amor, — isso vale uma resurreição.

No poema *Ijuca-Pirama* de Gonçalves Dias, o velho indio, já descrente de tudo e de todos, renasce para a vida e para a fé, quando ouve a voz do filho, em meio do alarido do combate:

« — Alarma! alarma! — O velho pára.
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes,
N'outra quadra melhor! — Alarma! alarma!
Este momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos transes, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentaram,
De guerreiro e de pae! vale, e de sobra!...
E elle, que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso... »

Tal o Brasil, tendo visto o seu nome espesinhado por tantos filhos sem alma, estremece de jubilo, reencontrando este filho, este verdadeiro filho, este grande e nobre filho, cuja palavra sagrada arde de novo, em defesa dos perseguidos.

Os dois discursos que S. Ex. pronunciou no Senado sobre a amnistia foram um desafogo para a alma brasileira. Tanta falta de coração e tanta falta de grammatica teem reinado ultimamente n'aquelle recinto, que o Brasil bem pôde, abraçado a Ruy Barbosa, chamar como o velho Tupi:

« Este, sim, que é o meu filho bem amado!
E pois que o tenho emfim, qual sempre o tive,
Corram livres as lagrimas que choro,
Estas lagrimas, sim, que não deshonram! »



Infelizmente, não posso dedicar toda esta chronica politica ao venerando senador bahiano. Quero dizer duas palavras aqui sobre Belmiro de Almeida.

Santa Barbara! já estou vendo todas as faces estateladas de pasmo! já estou ouvindo todas as boccas perguntarem anciosamente: «Que vem fazer o nome de Belmiro de Almeida n'uma chronica politica? Daria elle agora em politico?»

Attendei, almas inquietas! Belmiro ainda felizmente não deu em politico. Um deus bondoso e justo affastou-o até agora d'essa calamidade. Ide perguntar-lhe: «Belmiro! és jacobino? és federalista?» e ouvireis: «sou artista!» E' que, realmente, artista é o que elle é, da ponta dos collarinhos compridos á ponta dos sapatos largos. Aquella barbinha empinada nunca mergulhou no atascal, em que as paixões de partido se revolvem e coaxam como rans. Mas, apezar d'isso, ides ver como esse nome illustre, (tão illustre que é o nome de um collaborador d'*A Cigarra*!) ides ver como esse nome illustre cabe na minha chronica politica!



Belmiro expõe agora, no Salão da Escola, uma esplendida allegoria *A Aurora de 15 de Novembro*. Ha dias, o meu grande mestre Ferreira de Araujo, em uma das suas chronicas *Aos sabbados da Noticia*, interpellou sobre estas coisas de Bellas Artes o dr. Augusto Montenegro, outro collaborador da esplendida *Noticia*. (Fiquem prevenidos o Manoel Ribeiro e o José Barbosa de que o Rochinha comprometteu-se a pagar, por esta réclame, cem mil réis que já recebi.)

No dia seguinte, o dr. Montenegro respondeu a Lulú Senior em um artigo que me encheu as medidas.

O artigo acabava assim:

« Bem vê, Lulú Senior, que estou navegando nas mesmas aguas: não me apresente, pois, ás suas amaveis leitoras, de sobrolho franzido e cara de poucos amigos, a oppor-me a tudo quanto possa trazer despezas para o erario publico. Talvez não acredite, mas garanto-lhe ser a verdade: ha tempos anda-me barafustando pela mente a idéa de que a camara deve comprar ao Belmiro de Almeida o quadro — *Aurora de 15 de novembro* — para o collocar na sala de suas sessões, no painel que fica por traz da cadeira presidencial. Quer ainda mais? E' pedir por bocca. »



Ahi teem os senhores como o nome de Belmiro de Almeida não fica mal n'esta especie de resenha das cousas politicas.

O Sr. Augusto Montenegro é membro da commissão de orçamento da Camara dos Deputados. A sua palavra e o seu voto pesam consideravelmente na balança das decisões d'aquella casa dos Paes da Patria.

Basta dizer isto, para que se veja:

1º que a Camara está disposta a adquirir o quadro de Belmiro de Almeida, o que enche de jubilo *A Cigarra*, pela simples razão de que *A Cigarra* é muito amiga do Belmiro; e

2º que a Camara está disposta a fazer alguma cousa em prol da arte brasileira, — cousa que *A Cigarra* applaude com o seu canto mais alegre, e o seu mais frenetico bater de azas.



Tambem o senado mostra querer fazer alguma cousa melhor que discutir fuzilamentos, pondo-se a discutir com empenho grande e grande boa vontade o projecto de lei sobre propriedade litteraria e artistica. Que sahirá da discussão? Por minha vontade, o projecto adoptado seria o famoso projecto de Alphonse Karr, cujo dizer é este:

« Art. 1º A propriedade litteraria é uma propriedade.
Art. 2º Ficam revogadas as disposições em contrario. »

Mas isso é pedir muito. Basta que nos deem alguma cousa. Quem é pobre não tem luxo. Aos srs. livreiros, Omnipotentes Donos nossos, já nos contentamos com pedir isto: que não nos roubem! ou, que, se fazem absolutamente questão de nos roubar alguma cousa, deixem-nos o trabalho intellectual, e levem-nos os aneis, ou o relógio, ou qualquer outra propriedade menos sagrada.

L. F.



No dia 7 de Setembro ultimo, o collegio Abilio, de que é director o distinctissimo Sr. Joaquim Abilio Borges, foi ao Palacio Itamaraty comprimentar o Sr. Presidente da Republica, e com S. Ex. regosijar-se pela pacificação do Rio Grande do Sul. O prestito, garrido e bem organizado, foi vivamente aclamado pelo povo que enchia a Rua do Ouvidor. O collegio saudou todas as redacções, e teve a gentileza de deixar em nosso escriptorio um grande e formoso bouquet de flores artificiaes, em cujas fitas amarellas e verdes lia-se em letras de ouro a inscripção: *A Cigarra, O Collegio Abilio.*

A Cigarra agradece penhoradissima a amavel lembrança.



T HEATROS

Loie Fuller... Ha muitas. Esta que nos visita hoje não é por certo a verdadeira, a legitima, a authentica, a que fez em Paris um successo ruído, e que, por isso mesmo, já deve ter casado com algum principe russo, preferindo a obscura tranquillidade do matrimonio á deslumbrante agitação da *Dansa Serpentina*. A Loie Fuller que hoje nos encanta é com certeza uma das muitas imitadoras da gloriosa creadora d'esta rutilante borracheira. Que importa? a *Dansa Serpentina* é a mesma. E a apparição de Loie Fuller teve, ao menos, a vantagem de levar o publico ao theatro, em que Cuneo e Tiozzo se esfalfavam a declamar tiradas de dramas e tragedias á platéa deserta.



Não espereis que, á maneira dos meus collegas de chronica theatral, eu vá derramar-me aqui em phrases sentidas sobre a decadencia da Arte, e em lamentações sobre o envaccamento d'este fim de seculo, que prefere a *Dansa Serpentina* ao *Othelo*, e Loie Fuller a *Zaira Tiozzo*. *Zaira Tiozzo* não tem de que se queixar. Se está convencida de que o povo prefere a *Dansa Serpentina*, porque teima em representar dramas?

Ninguem pôde contrariar o gosto do publico, Signora *Zaira*! Compre alguns metros de tarlatana, e perca alguns metros de escrupulo. Peça algumas lições á Fuller, e deixe-se de partes! atire-se á *Dansa Serpentina*, ganhe dinheiro a rôdo, enriqueça, porque, emfim, sempre será tempo de regressar, filha prodiga, á Arte Pura.... depois de sexagenaria.



E' o que fez, mais ou menos, e guardadas as devidas proporções, a nossa gloriosa actriz *Ismenia*, que, depois de vinte annos de *tro-ló-ló*, teve saudade dos dramas do sr. Pinheiro Chagas, e está agora, no palco do *Lucinda*, representando a *Morgadinha de Val Flor*, com uma grande abundancia de talento e de banhas. Peço aos leitores que não deem aqui nenhuma significação maliciosa ao substantivo — abundancia... Que *Morgadinha*! quando ella entra em scena, vestida de homem, as taboas do palco offegam e gemem, passa pelas bambinellas um calafrio de espanto, e *Luis Fernandes*, deslumbrado e orgulhoso, exclama: « Ai! mulher! como seriamos felizes, se eu não fosse tão pobre, e tu não fosses... tão gorda! »



Outra resurreição artistica é a da sra. *Emilia Adelaide*. Esta nunca se arrojou allucinadamente á mina do *tro-ló-ló*. Ficou fiel á sua arte. Mas, succedeu-lhe o mesmo que á sra. *Ismenia*: engordou.

Ah! desgraçados de nós! a gordura irreverente não perdôa a ninguem. Todas as mulheres, as fieis como as infieis, tem de pagar o seu tributo a essa dolorosa contingencia da vida humana. Em todo o caso, assim mesmo gordas, — emquanto a sra. *Ismenia* faz a *Morgadinha* no *Lucinda*, a sra. *Emilia Adelaide* faz a *Padeira* no *Variedades*. E, se venho tratar aqui d'essas duas resurreições, é porque ellas me dão o ensejo de revelar ao publico um facto gravissimo. Mas, o facto é tão importante, que bem merece um paragrapho especial.



O facto é este. Tenho ido ao *Lucinda*, e tenho ido ao *Variedades*. Pois bem! ainda que me não creiam, juro-lhes que ainda não vi por lá nenhum d'esses senhores criticos, que todos os dias lamentam nos jornaes a decadencia da Arte.

Ainda por lá não vi nenhum d'elles! provavelmente, andam muito occupados com *Sal e Pimenta*, *Abacaxi*, *Kim-Fa na China*, e *S. Pedro debaixo de agua*.

Dir-me-ão talvez que a arte dramatica, cuja volta esses criticos anciosamente esperam, não é propriamente a das sras. *Ismenia* e *Emilia*? Qual é então? querem que *Sarah Bernhardt*, tão magra, se transplante expontaneamente para dentro do aconchego das exuberancias d'essas duas senhoras?

Buch.

A SEMANA



Pulsa deitá-me,
palavra é heita!
Também inquieto
os outros dormem?...
"Dormir souhar...
Reunar, talvez!"



- Ora, então, vejamos!



Que mastada!



Ah...
co'riente!



É depois
BOA NOITE!

a cigarra
Peja COPA



A irmã mais velha
de José Fialho.
(Se aguarda um)



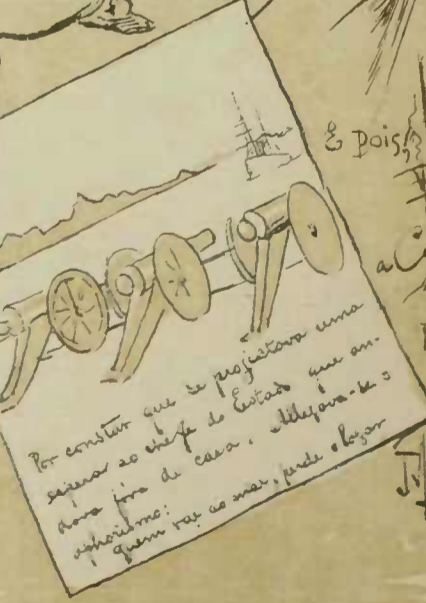
Um carapuceiro que julga
indispensável a "causa"
para ir ver a dama...
Supostamente a quem não
verá a dama dos Camelões
nem por mangas de ca-
misa



É corte de um
titular que com-
prou um peru (um
tudo a dez) por 1500



De prontidão!



Por constar que se projectava uma
semana ao chefe de Estado que em
sua fins de casa, allegava-se a
sophisticado:
quem vai ao mar, pede o legor

JULIANO MAGALHÃES